

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária, constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, em Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● Em Outubro de 2022, realizou-se nova conferência mundial, em Paris, precedida de uma conferência internacional das mulheres trabalhadoras. Delegados de 43 países subscreveram um apelo que actualiza o Manifesto de Mumbai à luz da situação mundial (*).

● Compõem o comité de acompanhamento militantes operários de todas as tendências:

Camille Adoue (França)
Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (EUA)
Colia Clark † (EUA)
Adama Coulibaly (Burkina Faso)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Christel Keiser (França)
Apo Leung (China)
Nnamdi Lumumba (EUA)
Randy Miranda (Filipinas)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Liliana Plumeda (México)
Milind Ranade (Índia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Alemanha, Argélia, Azânia, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burkina Faso, Burundi, Canadá, Chile, China, Congo, Coreia, Egipto, Estado espanhol, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Itália, Marrocos, México, Palestina, Paquistão, Peru, Portugal, Roménia, Rússia, Senegal, Sri Lanka, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Zimbabue.

UCRÂNIA-RÚSSIA

Iniciativa conjunta de militantes ucranianos e russos

“Contra a guerra imperialista dos oligarcas e dos capitalistas”

Jovens activistas internacionalistas da Rússia e da Ucrânia, emigrantes ou refugiados na Europa, reuniram-se na manhã de sábado, 20 de Abril. A concluir os seus debates, decidiram lançar uma “*iniciativa conjunta de militantes internacionalistas da Ucrânia e da Rússia contra a guerra e a exploração*”. O boletim do COI publica a respectiva declaração de fundação (redigida em russo e ucraniano). Um dos militantes, membro da Aliança da Esquerda Russófona da Alemanha, deu conta da iniciativa, ao usar da palavra na concentração promovida pelo *Parti des Travailleurs* de França em homenagem à Comuna de Paris (de 1871).

Os militantes internacionalistas da Ucrânia e da Rússia que vivemos no estrangeiro fazemo-vos este apelo. Cada um de nós tem as suas próprias posições políticas e as suas próprias organizações. Não é nosso propósito fazer concorrência a qualquer outra iniciativa.

Reunimo-nos no objectivo de ajudar a dar passos em frente concretos:

- contra a guerra imperialista dos oligarcas e dos capitalistas,
- por uma paz justa no interesse da maioria trabalhadora, no interesse dos povos, não no das grandes potências imperialistas,
- pela união fraterna dos povos da ex-URSS e do mundo.

Afirmamos: “*o inimigo principal dos trabalhadores encontra-se no seu próprio país*”.

O nosso objectivo é:

- apoiar todas as formas de resistência à guerra, na Ucrânia como na Rússia;
- organizar a solidariedade com a resistência dos soldados mobilizados, tanto ucranianos como russos, com os refractários e com os desertores de ambos os lados, com a luta das mulheres, irmãs e mães dos soldados pela sua desmobilização;
- exigir o respeito dos direitos democráticos e dos direitos dos trabalhadores na Ucrânia e na Rússia e organizar campanhas pela libertação dos presos

políticos e dos activistas anti-guerra detidos;

- reforçar laços e solidariedade com os trabalhadores, a juventude e as suas organizações em todos os países.

Estamos solidários do preso político russo e sociólogo de esquerda Boris Kagarlitsky, que disse que “*felizmente, o apoio aos presos políticos está a tornar-se num movimento de massas no nosso país. Milhares de pessoas escrevem cartas aos detidos, fazem colectas de pacotes e enviam comida e roupas quentes para a prisão. Devemos apoiar incondicionalmente todos aqueles que, sem recorrer à violência, defendem o seu ponto de vista e são por isso perseguidos*”.

Estamos igualmente solidários dos internacionalistas ucranianos de Kharkiv que declararam que “*glorificar a guerra como ocasião para fortalecer a nação e purificá-la de todos o género de elementos indesejáveis, como ocorre tanto na Ucrânia como na Federação Russa, foi já a política dos Estados que participaram na Primeira Guerra Mundial. Pouco diferindo desta a guerra actual, ela poderá terminar também de igual maneira. Aos novos czares Vladimirs (Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky - nota do editor), desejamos um novo 1917!*”

Abaixo a guerra e a exploração!

Viva a solidariedade internacional! ■

ESTADOS UNIDOS

Em 2023, novo máximo das despesas militares mundiais Mas Biden ainda lhe põe em cima mais 95 mil milhões!

Novo máximo! Segundo o *Stockholm International Peace Research Institute* (Sipri, 22 de Abril), as despesas militares mundiais atingiram 2,443 biliões de dólares em 2023: um aumento de 6,8%.

Nunca tais somas foram consagradas aos orçamentos militares. São milhares de milhões roubados aos serviços públicos a benefício das grandes empresas da indústria do armamento (mercado dominado pelas empresas americanas).

Só o orçamento militar dos Estados Unidos orçou em 916 mil milhões de dólares. Na verdade mais de um bilião, se se incluírem as despesas militares exteriores ao orçamento da defesa. E não é que esteja para diminuir em 2024.

Em 21 de Abril, a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos votou um pacote de ajuda militar adicional no valor de 95 mil milhões de dólares, que Joe Biden vinha há meses reclamando.

Desde Novembro de 2023 que a votação desta despesa militar suplementar estava bloqueada pela obstrução dos Representantes ligados a Donald Trump. Porém, 48 horas antes da votação, golpe de teatro: Trump declarou que “a defe-

sa da Ucrânia é importante para os Estados Unidos”, dando luz verde para que os seu partidários parassem com o bloqueio. Mais uma vez, os superiores interesses da classe capitalista impuseram-se a todos os seus representantes, democratas como republicanos.

O que contém o “pacote” de 95 mil milhões de dólares, que agora aguarda a aprovação do Senado?

– 61 mil milhões de dólares em ajuda militar adicional a Zelensky, que acrescem às centenas de milhares de milhões já afectados pela administração Biden, pela União Europeia e pelos países membros ou aliados da NATO.

– 26 mil milhões de dólares de ajuda a Israel. Quantia considerável, que representa quase oito vezes o que os Estados Unidos pagam todos os anos ao Estado de Israel (cerca de 3.300 milhões de dólares, inscritos no orçamento americano).

– E mais de 8 mil milhões em ajudas a Taiwan e aos preparativos americanos de guerra com a China.

Noventa e cinco mil milhões para alimentar os banhos de sangue em curso em Gaza e na Ucrânia...

95 mil milhões – enquanto 37,9 milhões de cidadãos americanos

vivem abaixo do limiar da pobreza.

As grandes potências da Europa não ficam atrás. Todas aumentaram as suas despesas militares, tal como, aliás, a Rússia de Putin.

E, como nunca é demais, a 16 de Abril a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa (APCE) aprovou por unanimidade uma resolução que apela a que os activos russos congelados na Europa “sejam transferidos para um novo fundo destinado à reconstrução da Ucrânia” (*Euractiv*, 17 de Abril).

A confiscação dos “activos” dos oligarcas russos não comoverá nenhum trabalhador, seja na Rússia seja fora dela. Ainda por cima sendo, na aparência, por uma boa causa: a “reconstrução” da Ucrânia. Na realidade: tudo mentira! Lord George Faulkes, membro do parlamento britânico, deixou escapar a marosca, ao declarar “*necessário gastar mais em armas e assistência militar à Ucrânia, antes de contemplar a questão da reconstrução*”. De Washington, Bruxelas, Paris: dinheiro a jorros para a guerra... para gáudio dos accionistas da indústria de armamento. ■

Dominique Ferré (França)